

# O Irracionalismo e sua Teoria do Conhecimento: Reação Agnóstico-relativista de Guerreiro Ramos ao Marxismo (1939-1955)

## The Irrationalism and its Theory of Knowledge: Guerreiro Ramos' Agnostic-Relativist Reaction to Marxism (1939-1955)

Leandro Theodoro Guedes<sup>\*</sup>  
Elcemir Paço Cunha<sup>\*\*</sup>  
Wesley Silva Xavier<sup>\*\*\*</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo é determinar as evidências do irracionalismo nos textos iniciais de Alberto Guerreiro Ramos com respeito à teoria do conhecimento, considerando o período de preparação do autor para seu posicionamento posterior na fenomenologia. Para tanto, foi realizada análise imanente dos textos selecionados (1939-1955). Os resultados sugerem que as evidências do irracionalismo compareceram pela adesão do autor ao agnosticismo relativista presente nas posições do existencialismo e da fenomenologia, preenchendo assim uma lacuna na pesquisa a respeito do pensamento do sociólogo brasileiro. Tal adesão se deu em circunstância de reação ao marxismo elegido como adversário a ser combatido, da mesma maneira em que fora confrontado por tendências irracionaisistas na filosofia.

**Palavras-chave:** Alberto Guerreiro Ramos. Teoria do conhecimento. Irracionalismo. Marxismo.

**Abstract:** The objective of the article is to determine the evidences of irrationalism in Alberto Guerreiro Ramos' early texts with respect to the theory of knowledge, considering the author's preparation period for his later positioning in phenomenology. To this end, immanent analysis of the selected texts (1939-1955) was performed. The results suggest that the evidences of irrationalism appear through the author's adherence to relativistic agnosticism which is found into the positions of existentialism and phenomenology, filling a gap in the research regarding the Brazilian sociologist's thought. This adherence was a reaction to Marxism elected as an adversary to be fought, just as it had been confronted by irrationalist tendencies in philosophy.

**Keywords:** Alberto Guerreiro Ramos. Theory of knowledge. Irrationalism. Marxism.

### Introdução

Autor de relevante peso nas ciências sociais no Brasil, Alberto Guerreiro Ramos (doravante, Ramos) legou obras com significativa audiência no país. Estudos como *A redução sociológica* (1958), *Problema nacional do Brasil* (1960), *Mito e verdade da*

---

<sup>\*</sup> Professor do Curso de Tecnologia em Logística da Faculdade de Educação tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ) e Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)

<sup>\*\*</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-doutorando em Economia no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – CEDEPLAR/ UFMG

<sup>\*\*\*</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Viçosa (UFV)

*revolução brasileira* (1963) e *A nova ciência das organizações* (1981), procuraram sistematizar as bases para um pensamento político e sociológico nacional. Trata-se de um autor frequentemente retomado e exaltado para confrontar os problemas hodiernos, tais como o desenvolvimento econômico e social do país, construção de modos alternativos de estruturação dos espaços de interação social, tendo por eixo “racionalidade substantiva” não convergente ao predomínio do “mercado”, crítica à importação de conceitos não coerentes com o contexto brasileiro, entre outros.

Suas preocupações abrangeram outros temas igualmente importantes e que tocam os próprios fundamentos de seu pensamento. A teoria do conhecimento (gnosilogia), por exemplo, foi essencial à sua posição no existencialismo de inclinações fenomenológicas cujo teor, considerado crítico do pensamento dominado pelas tendências funcionalistas e neopositivistas, compareceu com grande vigor em suas obras dos anos de 1950, como a coletânea de artigos *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1955) e o notório livro *A redução sociológica* (1958), que buscava inserir a perspectiva nacional como um aspecto determinante na produção da sociologia.

Ainda que tenha sido uma marca indelével no pensamento do autor mesmo nas suas obras mais tardias, o posicionamento no existencialismo e na fenomenologia teve uma trajetória precedente. Não seria exagero dizer que a primeira aproximação de Ramos com a teoria do conhecimento (sobretudo ligada às tendências neokantianas) foi crucial em obras anteriores tendo em vista a formação das bases das incursões posteriores objetivadas naquelas notórias obras. Assim, o período de aproximação com a teoria do conhecimento em particular, especialmente entre os anos de 1939 e 1955, foi fundamental para a preparação do terreno intelectual para a sua posição gnosiológica posterior demarcada na fenomenologia.

Não é acaso certa convergência entre Ramos e algumas tendências denominadas “críticas” em matéria gnosiológica. Um dos tangentes debates principais se concentra na tentativa de oferecer alternativa ao chamado “paradigma funcionalista” como forma cabal das tendências positivistas e neopositivistas dominantes (PAES DE PAULA, 2016). Esse debate permanece candente na produção nacional e internacional, em que as contribuições de Ramos acumulam audiência também fora do país (CANDLER; VENTRISS, 2006).

Essas contribuições, entretanto, não passaram sem algum escrutínio importante,

especialmente atinente às suscitadas problemáticas do campo da teoria do conhecimento. Pode-se destacar o apontamento ao aspecto utópico da obra em que o autor perfez preferências gnosiológicas que deixaram de lado a possibilidade de desvelamento das contradições da sociedade capitalista (FARIA, 2009). Nesse sentido, Ramos teria oferecido uma “fenomenologia crítica” cujo “alcance é ao mesmo tempo ineficaz, na medida em que acomoda o que é ao que se deve agregar, e ilusória, na proporção em que pretende firmar um paradigma de racionalidade substantiva descolado do real e concentrado no pensamento” (FARIA, 2009, p. 441). As limitações identificadas, como é possível observar, apontam diretamente para os fundamentos no plano da teoria do conhecimento.

Com relação ao aspecto particular do conceito de “homem parentético”, por exemplo, o diagnóstico é semelhante, recomendando o seu caráter “hipotético”, como escreveram Gurgel e Justen (2020, p. 85). Imergido nas tendências da fenomenologia de Husserl, tal homem é “aquele que consegue se colocar em solidão, centrando-se em si mesmo, para em mergulho ou salto (Bergson), ou ainda “lançando-se às profundezas”, libertar-se das prescrições do mercado – de onde chega todos os dias, retornando da luta pela sobrevivência” (GURGEL; JUSTEN 2020, p. 84). A remissão aos problemas gnosiológicos é, como novamente se vê, persistente nesse escrutínio mais recente.

Ainda nessa direção, já foi sugerido que, em seu estágio nacionalista, além de um traço politicista e de uma posição que reitera a incapacidade política na participação das camadas populares na formação do Brasil moderno (RAGO, 1992; RAGO FILHO, 1998), o pensamento de Ramos operou “uma espécie de tentativa de ‘reduzir’ o existencialismo do plano do indivíduo para o plano da ‘nação’, isto é uma tendência a ‘aplicar’ o existencialismo à nação brasileira, o apelo à constituição do ‘ser nacional’ como ‘ser para si’” (PÚBLICA, 1983, p. 83), em flagrante problemática metodológica decorrente de seus fundamentos na teoria do conhecimento. Ao considerar a participação de Ramos no ISEB, cujo nascimento se deu por meio da influência direta dos difusores do existencialismo no Brasil, Paiva (1979, p. 60) acrescentou que, quando Ramos defende uma sociologia nacional, o “culturalismo se combina com o vitalismo orteguiano e com o existencialismo”.

Muitas correntes teórico-gnosiológicas aludidas (Husserl, Bergson etc.) possuíam vínculos claros com a filosofia irracionalista (LUKÁCS, 2020). Aspectos como a crítica

romântica e a apologia indireta do capitalismo, a pseudo-objetividade, a criação de mitos e a valorização da intuição são traços que perfizeram, por exemplo, o elo entre o existencialismo, a fenomenologia e o irracionalismo (LUKÁCS, 1968). Não por menos, Gorender chegou a questionar certa combinação de tendências em *A redução sociológica*. O autor anotou que naquela consagrada obra de Ramos uma “interpretação de dados estatísticos sobre o crescimento da indústria nacional se associa, sem transição, às categorias elaboradas pelo subjetivismo exacerbado de Husserl, Heidegger e Jaspers. Pode ser considerada legítima tão estranha simbiose?” (GORENDER, 1996, p. 210).

É importante levar em conta que a trinca imediatamente aludida, e outras referências de fundamento das posições de Ramos mencionadas antes, possuem aderência às filosofias irracionalistas, sobretudo no tema da teoria do conhecimento (LUKÁCS, 2010). Por esse motivo, não é uma indicação que possa ser ignorada a sugestão de que, em Ramos, uma tal “utilização da fenomenologia apresenta uma característica peculiar, (...) como decadência filosófica do irracionalismo moderno, pois, apesar de sua aparência crítica e metódica quanto ao positivismo, eram revestidas pela consciência burguesa e seu atomismo individualista” (QUEIROZ, 2016, p. 270).

Cabe destacar que o problema do irracionalismo não se esgotou com a derrota do nazismo. Assim como Lukács (2020), que sublinhou, no epílogo de *A destruição da razão*, a renovação do irracionalismo em sua difusão no pós-guerra, outros autores têm chamado a atenção para as suas tendências contemporâneas. É possível destacar, nessa direção, as assim chamadas correntes pós-modernas e decolonial que se desenvolveram a partir da filosofia irracionalista alemã e que comparecem hoje com notória penetração (VAISMAN; FORTES, 2022; FOSTER, 2023; PENNA, 2022/2023; WOLIN, 2004). Assim, parece razoável considerar a possibilidade de manifestações da filosofia irracionalista também em países como o Brasil, não apenas em razão de sua difusão e renovação, como também por decorrências das históricas regressividades objetivadas no país (CHASIN, 1978).

Essas considerações, sem exceção, remetem a atenção para as questões ligadas à adesão de Ramos a específicas tendências da teoria do conhecimento. E, nesse campo, restaram sugeridas apenas alusões à presença de inclinações de Ramos às filosofias irracionalistas. A questão segue aberta e é de suma importância trazer à baila, com recursos probantes, as tendências irracionalistas na elaboração do autor em

sua primeira aproximação com a teoria do conhecimento uma vez que tem repercussão no posterior itinerário intelectual do sociólogo brasileiro e, por decorrência, no enfrentamento de questões contemporâneas para as quais seu pensamento é evocado. A contribuição principal, portanto, está associada ao aprofundamento do escrutínio a partir da investigação daquelas tendências irracionais nos primeiros materiais de Ramos em que os problemas do conhecimento se despontaram. Assim, a problemática deste artigo é responder à seguinte questão: *quais são as evidências do irracionalismo presentes na elaboração intelectual de Ramos em sua primeira aproximação com a teoria do conhecimento?*

Com efeito, o restante do artigo está dividido em quatro partes. Na parte a seguir serão apresentados os aspectos metodológicos fundamentados na “análise imanente” dos textos selecionados de Ramos. Na parte seguinte, faremos uma breve caracterização histórica do irracionalismo e sua teoria do conhecimento. Na sequência, trataremos criticamente de iluminar as tendências do irracionalismo presentes nos materiais selecionados. Por fim, apresentaremos as considerações finais do artigo.

### Aspectos metodológicos

A pesquisa realizada foi fundamentada na tradição materialista do estudo das formações ideais ou formas de consciência. Nessa tradição, se localiza também o estudo dos “objetos ideológicos” (CHASIN, 1978).

Esse estudo é geralmente operacionalizado a partir do chamado “tríptico metodológico” (CHASIN, 1978; LUKÁCS, 2020) que envolve: 1) a análise da gênese, ou a origem histórico-social das formações ideais em suas condições objetivas de possibilidade, 2) a análise da função social das formações ideais que podem ou não ser convertidas em ideologias em condições adequadas, envolvendo a missão social, as finalidades declaradas ou não, e a efetivação prática de tais formações ideais nos contextos sócio-históricos, e, por fim, 3) a análise ou crítica imanente.

Os elementos desse tríptico podem ser considerados separadamente (CHASIN, 1978; PAÇO CUNHA, 2022/2023). Na presente pesquisa não foram realizadas a análise de gênese e da função social tendo em vista as limitações de espaço e escopo. Assim, ficou focalizado especificamente o terceiro elemento do tríptico, a análise imanente, por atender, sem prejuízos, à problemática colocada anteriormente.

Por meio da análise imanente é possível tomar as obras como “objeto

ideológico”, observando o “conjunto de suas afirmações, conexões e suficiências, como também as eventuais lacunas e incongruências que o perfaçam” (CHASIN, 2009, p. 25). Sendo assim, trata-se de um procedimento que não imputa ao autor nada que não esteja presente em seus escritos, buscando no interior da obra as respostas para as questões que dela podem emergir. Uma vez que “a própria voz dos escritos pulveriza as interpretações irrazoáveis desse feitio e desmancha as hipóteses de investigação centradas em apriorismos, equações sempre subjetivas” (CHASIN, 2009, p. 85), fica mantida a possibilidade de uma análise objetiva dos materiais. Esse tipo de análise também procura remeter as formações ideais ao solo objetivo, auxiliando, portanto, no estudo da gênese e da função social. Entretanto, como dito, focalizamos o tratamento dos textos, deixando tal remissão para outra oportunidade.

A análise imanente se presta a diferentes finalidades específicas. Chasin (1978), por exemplo, procurou estabelecer a natureza do pensamento de Plínio Salgado diante da tese de se tratar de um tipo de fascismo. No estudo de Lukács sobre o irracionalismo, a análise imanente emergiu como “elemento legítimo e até indispensável para a exposição e o desmascaramento das tendências reacionárias na filosofia” (LUKÁCS, 2020, p. 11). Há também exemplo que sustenta a aplicação com propósito de evidenciar os fatores fundamentais para explicação da origem de expressões do pensamento administrativo (PAÇO CUNHA, 2021). É preciso esclarecer, portanto, que, de acordo com nossos propósitos estabelecidos, a análise imanente se prestou exclusivamente à captura e explicitação das evidências irracionalistas presentes na primeira aproximação de Ramos com a teoria do conhecimento, abrindo vaga, quando possível, para considerações críticas de suas insuficiências. Não obstante, cabe frisar que não se tratou de “aplicar” o irracionalismo como uma espécie de “tipo ideal” ao material sob análise, mas do esforço de extrair as evidências do irracionalismo ao tomá-lo como objeto ideológico.

Nesse sentido, e em termos operacionais, a análise foi realizada sobre os textos Introdução à cultura, de 1939, e Literatura latino-americana de 1941. Também foram considerados os artigos publicados em 1955 em O Jornal, tais como Diálogo com o marxismo; Gurvitch e o marxismo; Pluralismo dialético; Historicismo e marxismo; e Epocologia e marxismo. Assim, ficou coberto o período entre 1939 e 1955. Esse recorte se justifica por se tratar, salvo melhor juízo, das primeiras obras em que o autor mais se dedicou ao problema da teoria do conhecimento.

É preciso, entretanto, ressaltar a exclusão realizada de outros textos publicados no mesmo ano ou anteriormente e que, posteriormente, foram amalhados na coletânea Introdução crítica à sociologia brasileira, de 1956, e que possuem alguma aproximação com questões da teoria do conhecimento. Mas é importante registrar que tais textos foram dedicados mais a outros temas, como a sociologia brasileira e o desenvolvimento econômico, sendo as questões sobre o conhecimento muito menos desenvolvidas.

Assim, passaremos à caracterização do irracionalismo que auxiliará na identificação de suas evidências principais, adiante, nos materiais selecionados.

### Breve caracterização do irracionalismo e sua teoria do conhecimento

É importante anotar, logo de partida, que o “irracionalismo” não é um tipo ideal, um conceito. Segundo Weber, o tipo ideal é obtido:

mediante a acentuação unilateral de um ou de vários pontos de vista e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. É impossível encontrar empiricamente na realidade este quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia (WEBER, 1973, p. 137-138).

Nesse sentido, “trata-se da construção de relações que parecem suficientemente motivadas para a nossa imaginação” (WEBER, 1973, p. 138-139), sem existência real em si. Enquanto conceito, o tipo ideal não exprime e não procura expressar coisas da realidade concreta. Trata-se de um produto de natureza subjetiva, um recurso metodológico específico. Por esse motivo, não se aproxima do fenômeno histórico do irracionalismo tal como apreendido por Lukács na filosofia alemã, apresentando desdobramentos e renovações em outros tempos e lugares, transformando-se, pois, ao longo do tempo, como fenômeno inclusive de efeitos objetivos. O irracionalismo (como coisa ideal, mas de existência apreensível) não se extinguiu como uma tendência de objetivações variadas e não deve ser equiparado a uma utopia metodológica de acentuações de pontos de vista para finalidades heurísticas do trabalho sociológico.

Tratou-se tal fenômeno de uma tendência histórica inscrita no interior do desenvolvimento da filosofia na Alemanha, incluindo a instauração da sociologia como ciência especializada, diante das condições objetivas do atraso daquele país (LUKÁCS, 2020). Por meio do enfrentamento das questões postas, sobretudo a crise societária



manifestada na transição entre os séculos XIX e XX, um conjunto de ideias terminou por funcionar como uma preparação ideológica, sem que isso significasse uma causalidade, para a visão de mundo nacional-socialista do nazismo.

Lukács (2020) não realizou a análise restrita, como pura imanência, às obras dos pensadores alemães que constituíram tal fenômeno. O filósofo magiar mostrou como seus principais protagonistas respondiam às questões postas na ordem do dia pela realidade concreta, pelo movimento histórico da formação alemã. Tais respostas alimentaram, em graus variados, uma espécie de crítica direcionada à expressão cultural do modo de produção capitalista e, em certos casos, indicou soluções reacionárias ou autoritárias para os problemas da sociedade burguesa, como meio de defender, ainda que indiretamente, o próprio capitalismo do acirramento da luta de classes.

O percurso de Lukács até a determinação histórica do irracionalismo tem uma referência muito clara na crítica de Marx à decadência ideológica do pensamento econômico. Não é sem razão que antecedências marcantes da filosofia irracionalista foram encontradas nessa crítica realizada pelo filósofo alemão. A “crítica romântica” do capitalismo, por exemplo, já apontada por Marx (2011, p. 110) como tendência que acompanharia o pensamento burguês até seus últimos dias, “evolui para uma apologética mais complexa e exigente, mas não menos desonesta e eclética, da sociedade burguesa, para seu louvor indireto, sua defesa a partir de seus “lados ruins”” (LUKÁCS, 2016, p. 104). A própria menção de Lukács ao desenvolvimento da sociologia como um desdobramento dessa decadência ideológica e o “desejo dos ideólogos burgueses de conhecer a legalidade e a história do desenvolvimento social separadas da economia” (LUKÁCS, 2016, p. 113), são traços que o autor também destaca em *A destruição da razão*, considerando a relação entre o desenvolvimento da sociologia e a referência na filosofia irracionalista (haja vista a posição agnóstica de autores como Mannheim e Weber, tributários da filosofia da vida).

Não é sem propósito insistir que o legado de Marx nesse assunto foi ressaltado na medida em que “a crítica marxiana da ideologia decadente” possibilita que se encontre, “na mistura eclética de imediatividade e escolástica, constatada em Mill, a chave para a real compreensão de muitos pensadores modernos considerados profundos” (LUKÁCS, 2016, p. 110). Dessa forma, “da versão decadente e vulgarizada que o anticapitalismo romântico desenvolveu bastante cedo por meio de Malthus



brotou, no decurso da putrefação do capitalismo, a demagogia social bárbara do fascismo” (LUKÁCS, 2016, p. 105). São bem conhecidas as ligações de Malthus com aquilo que Marx (2013) delimitou por “economia vulgar”. É interessante notar que Lukács toma a crítica realizada por Marx a certas tendências do pensamento econômico para apontar a relação que aquela crítica romântica do capitalismo alimentou com o avanço do fascismo – ainda que essa relação não indique causalidade imediata. É igualmente interessante o fato de que a crítica romântica aparece como um dos aspectos caracterizadores da filosofia irracionalista, segundo o próprio Lukács em A destruição da razão.

Ademais, um dos desdobramentos desse processo de decadência ideológica é a própria noção da relação entre racionalismo e irracionalismo. Ao tomar ambos como consequências da capitulação daquele pensamento decadente diante das questões impostas pela realidade concreta, para Lukács (2016, p. 117), “Ideologicamente, a tacinha se expressa (...) no antagonismo entre racionalismo e irracionalismo”. O primeiro “é uma capitulação direta, passiva e ignominiosa diante das necessidades da sociedade capitalista. O irracionalismo é um ato de protesto contra elas, mas igualmente impotente, igualmente ignominioso, igualmente vazio e irrefletido” (p. 117). Em ambos os casos, a decadência ideológica se manifesta de maneira diferente, mas Lukács demarca tanto o racionalismo (neopositivismo e suas variantes formalistas) quanto o irracionalismo (reação romântica) como lados irmanados desse terreno da decadência. Especialmente o irracionalismo, e suas características mais intrínsecas as quais nos interessam mais perto, é destacado pelo autor como um desdobramento daquela decadência ideológica. Para o filósofo húngaro, “não existe visão de mundo ‘inocente’. (...) a tomada de posição a favor ou contra a razão é decisiva quanto à essência de uma filosofia enquanto filosofia, no seu papel junto ao desenvolvimento social” (LUKÁCS, 2020, p. 10). Uma dada forma de consciência desse tipo “reflete sempre a racionalidade (ou irracionalidade) concreta de uma dada situação social, de uma dada direção do desenvolvimento histórico e, ao lhe dar clareza conceitual, promove ou retarda esse desenvolvimento”. E assim, se “aquilo que se move para adiante é considerado razão ou desrazão, se isto ou aquilo é afirmado ou rejeitado, constitui justamente um fator essencial e decisivo na tomada de partido, na luta de classes na filosofia” (LUKÁCS, 2020, p. 11).

É decisivo ter claro que Lukács considerou o irracionalismo como um fenômeno histórico, não como uma mera repetição daquele pensamento econômico decadente.

Considerando os primeiros desdobramentos históricos do irracionalismo (anteriores à Segunda Guerra Mundial, e segundo os propósitos deste artigo), Lukács mostrou que, se em um “primeiro período importante”, surgiu “em oposição ao conceito histórico-dialético idealista de progresso” como no exemplo do “caminho de Schelling a Kierkegaard”, o segundo período elegeu o marxismo, então em desenvolvimento, como tal adversário a ser severamente combatido. Trata-se de uma reação que configura um aspecto importante para as nossas análises posteriores a respeito das evidências do irracionalismo nos materiais delimitados do sociólogo brasileiro. Nesse sentido, devemos enfatizar que, desse segundo período em diante, cessou, escreveu Lukács (2020, p. 273), toda “moralidade científica”, pois tratou-se de difamar tal adversário, sem a devida apropriação a “fundo da matéria estudada”, promovendo afirmações levianas e infundadas. Esse combate ao marxismo como inimigo ideológico aprofundou-se com o acirramento da luta de classes e com a explicitação das contradições próprias do capitalismo, acentuando o caráter reacionário daqueles intelectuais diante do progresso representado pela alternativa socialista trazida pelas mudanças próprias da sociedade burguesa. Como anotou nosso autor:

A situação muda radicalmente com as Jornadas de Junho [1848] do proletariado parisiense e, sobretudo, com a Comuna de Paris [1871]: a partir de agora a concepção de mundo do proletariado, o materialismo histórico e dialético, passa à condição de adversário, cuja natureza essencial determina o desenvolvimento do irracionalismo. O novo período terá Nietzsche como o primeiro e mais importante representante. Ambas as etapas do irracionalismo dirigem seus ataques contra o mais alto conceito filosófico de progresso de seu tempo (LUKÁCS, 2020, p. 12).

Portanto, esse desenvolvimento irracionalista teve como objetivo claro combater o progresso e o avanço da luta de classes e das ideologias proletárias, em particular o marxismo. A posição diante das contradições, das crises sociais e do adversário a ser combatido, promoveu uma espécie de crítica ao modo de produção capitalista por suas formas de expressão, sobretudo em sua dimensão cultural. A condenação genérica da decadência cultural trazida pelo avanço da “técnica” (unilateralmente considerada), favoreceu a constituição de uma “apologia indireta” ao modo de produção capitalista que, enquanto não deixava de reconhecer certos problemas existentes, evitava ao máximo ligá-los aos fatores essenciais do capitalismo – em muitos casos, atribuindo tais problemas a uma condição humana universal. Como sugeriu Lukács (2020, p. 219), a “meta principal” do irracionalismo é “fornecer uma apologia indireta da ordem social capitalista”. Uma das faces mais visíveis dessa

filosofia é sua rebeldia e indolência cativantes em sua crítica genérica à condição cultural existente, cuja seta, entretanto, apontava explícita ou implicitamente para tendências reacionárias.

Em termos bastante sintéticos, é possível reunir os principais traços característicos da filosofia irracionalista, expressando uma unidade comum aos diferentes intelectuais: “A depreciação do entendimento e da razão, a glorificação da intuição, a gnosiologia aristocrática, a recusa do progresso sócio-histórico, a criação de mitos são, entre outros, motivos que encontramos em quase todo pensador irracionalista” (LUKÁCS, 2020, p. 15). O trajeto até aqui foi necessário para colocar os aspectos gerais que iluminam o mais específico tendo em vista nossos propósitos. Por isso, é preciso reter o traço característico dessa filosofia quanto ao aspecto da problemática do conhecimento (“depreciação do entendimento e da razão...”). Como sugeriu Lukács, os “últimos séculos do pensamento filosófico foram dominados pela teoria do conhecimento”. Sua “missão social”, explicou, em termos de sua “finalidade principal”, consistiu em “fundamentar e assegurar o direito à hegemonia científica das ciências naturais desenvolvidas desde o Renascimento, mas de tal maneira que permanecesse preservado para a ontologia religiosa, na medida em que isso fosse socialmente desejável, o seu espaço ideológico historicamente conquistado” (LUKÁCS, 2010, p. 33). Nesse quadro, é possível reconhecer certo lugar da fenomenologia de ascendência existencialista, cuja “predisposição fundamental” é a “tendência teórica ao enfraquecimento do senso de realidade” (LUKÁCS, 2012, p. 113), sendo chamada a “reprimir a objetividade ontológica” (p. 104). As filosofias irracionalistas assim predispostas possuem a tendência de fazer hipérbole da incognoscibilidade da realidade presente no idealismo subjetivo, redundando no agnosticismo relativista em que não apenas a essência da realidade não seria passível de ser conhecida como também tal conhecimento estaria sempre dependente de visões de mundo imponderáveis entre si.

Isso é decisivo uma vez que a “base, no plano da teoria do conhecimento, é sempre o agnosticismo e o relativismo que o acompanha” (LUKÁCS, 1968, p. 54). Cabe levar em conta que “não raramente”, escreveu Lukács (2020, p. 91), o “agnosticismo se converte” no irracionalismo e que “quase toda forma moderna de irracionalismo se funda mais ou menos sobre a teoria do conhecimento do agnosticismo”. Para o agnosticismo, então, “não podemos nada saber da essência verdadeira do mundo e da realidade” (LUKÁCS, 1968, p. 33). Admitindo que a

realidade é incognoscível, muitas vezes tal filosofia se apresenta, entre outras formas (como o positivismo), “sob os traços de um neokantismo” (p. 34). Alimentado nas correntes do existencialismo de Dilthey, Nietzsche, Bergson, Spengler e consortes, um “agnosticismo relativista, esse ceticismo a respeito de tudo, conduz em linha reta ao mito da filosofia atual, cujo valor central é o antirracionalismo, e até o irracionalismo ou, em todo caso, a aceitação de métodos e realidade suprarracionais” (LUKÁCS, 1968, p. 55). Completou Lukács, na sequência, ao sugerir que a “crise geral que se seguiu a 1918, transformou o irracionalismo em uma filosofia concreta da história, a qual terminou por levar, através de Spengler, Klages e Heidegger, às visões infernais do fascismo” (LUKÁCS, 1968, p. 55). E considerando, como dito, que a finalidade principal do irracionalismo é proporcionar uma apologia indireta da ordem social capitalista – também como uma variante da reação à posição socialista do marxismo –, a teoria do conhecimento assim mobilizada teria que, de formas variadas, depreciar o entendimento e a razão. Assim, entende-se por que motivo as aspirações de objetividade científica e crítica do modo de produção capitalista em seus fundamentos que comparecem no marxismo fizeram deste um adversário da posição agnóstica na teoria do conhecimento e da apologia indireta que a acompanha por via do irracionalismo.

É possível dizer, portanto, que o irracionalismo, por meio da obstrução direta ou indireta à razão, expressou-se como agnosticismo relativista na teoria do conhecimento e, no plano econômico social, promoveu a apologia indireta do capitalismo, recusando progresso social representado pelo socialismo. Na medida em que essa posição na teoria do conhecimento negava a possibilidade da verdade objetiva exaltada sobretudo pelo materialismo, que sempre fundamentou as aspirações científicas do marxismo, este deveria ser confrontado tanto no plano econômico quanto no plano das ideias, incluindo o próprio território da problemática do conhecimento em tela.

Essa filosofia e sua teoria do conhecimento obtiveram considerável difusão na Europa, como no exemplo de Bergson e seu intuicionismo como método na França. Encontrou também penetração nos Estados Unidos, sobretudo pelas tendências agnósticas que fundamentaram James e seu pragmatismo no interior do qual exaltava-se de modo idealizado o homem de negócios, o homem prático da rua (LUKÁCS, 2020). É possível também falar das importantes reminiscências no existencialismo francês como hipótese da filosofia alemã (FERRY e RENAUT, 1988) e das modificações

pelas quais passou no pós-guerra para a defesa indireta do capital monopolista de talhe estadunidense (LUKÁCS, 2020). Considerando tendências ainda mais contemporâneas do irracionalismo, segundo certa linha de continuidade a partir da “renovação do idealismo” (LUKÁCS, 1968) do final dos anos de 1960 em diante, cabe registrar que o:

(...) o irracionalismo passou a desempenhar um papel crescente na constelação do pensamento. Isso inicialmente assumiu a forma relativamente suave de um pós-modernismo e pós-estruturalismo desconstrutivos, que, na obra de pensadores como Jean-François Lyotard e Jacques Derrida, deixaram de lado todas as grandes narrativas históricas enquanto abraçavam um anti-humanismo filosófico que emanava principalmente de Heidegger. Em contraste, as novas filosofias de imanência de hoje – associadas ao pós-humanismo, novo materialismo vitalista, teoria ator-rede e ontologia orientada a objetos – constituem um irracionalismo mais profundo, representado por figuras supostamente de esquerda como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Bruno Latour, Jane Bennett e Timothy Morton (FOSTER, 2023, s/p).

Considerando essa permanente renovação do irracionalismo para além das fronteiras que o gestaram, seria possível falar de uma difusão da filosofia irracionalista para a América Latina, especialmente para o Brasil nas décadas em que Ramos realizou sua aproximação com a teoria do conhecimento?

### Posição agnóstico-relativista na teoria do conhecimento como reação ao marxismo

Na problemática do conhecimento é possível encontrar traços do irracionalismo que Ramos expressou no Brasil. É curioso o fato de que persiste certa contradição entre os enunciados do autor quando tomados textos diferentes do período analisado. Em Introdução à cultura, nosso autor escreveu que a “inteligência, propriamente, tem por objetivo o ser. Seu fim é conhecer a essência das coisas” (RAMOS, 1939, p. 13). Anos depois, essa posição, pouco desenvolvida em 1939, foi, como veremos, flagrantemente abandonada em nome das tendências agnósticas e relativistas típicas das filosofias irracionalistas. Da forma como sublinhamos antes, a “base [do irracionalismo], no plano da teoria do conhecimento, é sempre o agnosticismo e o relativismo que o acompanha” (LUKÁCS, 1968, p. 54).

Uma das expressões do desenvolvimento dessa posição agnóstica e relativista na problemática do conhecimento está precisamente no modo de reação de Ramos ao marxismo. Essa última corrente tornou-se, pela pena do autor, uma espécie de adversário metodológico a ser derrotado. Algo já presente em 1939, sofreu de fato

um desenvolvimento ulterior de amplas implicações para o itinerário do pensamento de Ramos. É possível averiguar esse aspecto em um texto analítico sobre a literatura latino-americana, no qual Ramos (1941, p. 285) considerou que os “corifeus da teoria marxista da história” eram incapazes de reconhecer que “num mesmo estágio de uma civilização, as massas encarnam a função de consumo e as elites, a função de produção. Daí o caráter burguês, reacionário da massa”. Essa passagem, além de sugerir certo aristocratismo do sociólogo brasileiro – o que não é suficiente para sublinhar haver um reacionarismo em seu pensamento –, evidencia o embate reativo ao marxismo.

Essa reação teve maior profusão em um conjunto de textos publicados na década de 1950 em O Jornal. O diálogo de Ramos com o materialismo, especialmente truncado e pouco informado com Marx, se iniciou no princípio dos anos 1950 num texto de nota metodológica, inserido no livro Sociologia de la mortalidad infantil no qual elogiou, de maneira protocolar, o “realismo” das análises de Marx, mas condenou seu suposto “messianismo político” (RAMOS, 1955a, p. 13).

Não cabe discutir em detalhes o grau de precisão dos aspectos apontados por Ramos a respeito de Marx – apesar do fato de encontrarmos no autor baiano poucas evidências de estudo rigoroso sobre o autor alemão assim como era praxe entre os intelectuais da tradição irracionalista. Interessa mais apontar como, para Ramos, o combate ao marxismo no plano da problemática do conhecimento e como esse enfrentamento do elegido adversário ajuda a expor as evidências irracionalistas imanentes ao seu pensamento. Trata-se de uma peculiaridade interessante nessa etapa do itinerário de Ramos, isto é, estabelecer a teoria do conhecimento como terreno para o combate às aspirações de objetividade científica representadas no marxismo.

Nessa direção, na série de artigos publicados por Ramos acerca do marxismo, sua principal referência para o debate é o sociólogo Georges Gurvitch. Para Gurvitch (1987), o problema da dialética materialista era o alegado dogmatismo das contradições e o abandono das outras múltiplas relações dialéticas. Disso resultou a posição de defesa de um chamado “pluralismo dialético”. Gurvitch entendia que a dialética materialista seria unicamente “ascensional”, no sentido de uma linha reta de progresso que levaria a uma espécie de apregoada “salvação da humanidade”. O sociólogo francês interditou essas questões consideradas por ele como expressões do comprometimento político de Marx. Era preciso, pois, contrapor-se ao dogmatismo e ascensionismo alegadamente identificados.

Seguindo Gurvitch, Ramos argumentou que o marxismo seria uma boa “propedêutica ao conhecimento científico do real” (RAMOS, 1955b, p. 2). Essa corrente admitiria “como processo fundamental (e talvez exclusivo) de análise da realidade – o das contradições” (RAMOS, 1955c, p. 1) que, por isso, desembocaria num desconhecimento da “pluralidade de processos operatórios de dialetização” (RAMOS, 1955c, p. 1). Desse modo, escreveu o autor, “o marxismo tem sido até agora um monismo determinista que considera a antinomia como causação geral, ou seja, que tenta explicar o movimento e o desenvolvimento de qualquer fenômeno como resultado do conflito de contradições” (RAMOS, 1955c, p. 1). É uma avaliação muito visitada no século XX por uma miríade de intelectuais. Para nosso autor, essa postura do marxismo é negada pelo processo real, na medida em que a “contradição não é o único processo operatório de dialetização nem tampouco é invariavelmente o principal” (RAMOS, 1955c, p. 1).

Com essa consideração, estaria justificada a superioridade do chamado “pluralismo dialético” que, em uma notória tendência à indeterminação, “admite a possibilidade de  $n+1$  processos de análise dialética do real e, além disso, não atribui a nenhum deles um caráter principal a priori. Não é uma dialética fechada, é uma dialética aberta” (RAMOS, 1955c, p. 1). Para o autor, esse método aberto repudiaria “toda tentativa lógica que pretenda dominar a priori o desenvolvimento do real” (RAMOS, 1955c, p. 1). Salta aos olhos como Ramos ignora o fato de que a posição materialista do marxismo de extração do movimento próprio da realidade e não como apriorismo metodológico foi construída precisamente sobre a crítica à redução da realidade objetiva à lógica, conforme a tradição do idealismo objetivo culminante em Hegel (MARX, 2010).

Não obstante, a postura crítica a Marx foi desdobrada em outros textos de Ramos. Em Gurvitch e o marxismo (1955), Ramos, seguindo a linha do sociólogo francês, afirmou que a dialética de Marx “se exaspera numa escatologia profética e promete uma culminação da história em que se elimina toda espécie de alienação e se realiza a harmonia social ou desaparecimento das classes, a cessação dos conflitos” (RAMOS, 1955b, p. 1). Sendo uma dialética dogmática, alegadamente no marxismo “confundiram um processo lógico com um processo concreto” (RAMOS, 1955b, p. 1). Propôs, então, evocando autores da tradição irracionalista, a vinculação entre “dialética” e “experiência”, com base no “caráter inconcluso do acontecer histórico que já havia sido proclamado por Dilthey, Heidegger e Jaspers” (RAMOS, 1955b, p. 1). O



mote é a insuficiência da “dialética” diante da “vivência” exaltada por autores na tradição irracionalista:

A noção marxista de “práxis” é dogmatizante pois implica uma apologia dos fatos materiais dados e observados, incompatível com a dialética radical. Quero dizer, uma dialética que se define previamente como materialista é uma dialética parcial, ainda não liberada do positivismo, que não dialetisa [sic] suficientemente a relação entre o conhecimento e a experiência. Mais ainda, o marxismo é dogmatizante enquanto dialética ascendente positiva (RAMOS, 1955b, p. 1).

Desse modo, à luz da sustentação de Ramos de que o movimento da história é sempre inconcluso, envolvendo, portanto, a inteira ausência de direção “ascendente” – ou, em verdade, de qualquer direção –, parece-lhe que o marxismo é parcial e dogmatizante, pois assumiria como pressuposto um movimento dialético progressivo. Uma dialética “liberada”, nos termos de Ramos, parece trazer consigo uma indeterminação congênita. Fica evidenciado que, a propósito de recusar qualquer “teoria do fim da história” – que de resto Marx jamais sustentou –, o sociólogo baiano eliminou da análise as tendências de avanço efetivamente realizadas no domínio do desenvolvimento social. Cabe o registro segundo o qual as tendências de avanço e de regressividades coexistem na história, que os avanços realizados no conjunto não eliminam os recuos em várias dimensões sociais (LUKÁCS, 2012; 2013). Mas a história tem mostrado que esse caráter contraditório de seu desenvolvimento não eliminou a tendência do movimento progressivo, isto é, a totalidade avança contraditoriamente. A reação ao marxismo nesse aspecto revela a adesão de Ramos às filosofias irracionalistas diante da “tensão dialética entre a formação racional dos conceitos e a sua matéria real” (LUKÁCS, 2020, p. 91), recuando diante do lugar central das contradições no desenvolvimento social. Vê-se, com isso, o quão pouco o sociólogo pôde compreender seu eleito adversário.

Ramos aprofundou essas considerações tendo em mente os avanços do conhecimento científico. Para o autor brasileiro,

Não existe este movimento, ascensional, invariável, do conhecimento, de vez que, em qualquer instante, uma nova questão pode colocá-lo radicalmente em questão, abrindo-se à inteligência “novos abismos” “inesperados”. Por outro lado, o marxismo levou muito longe a polarização entre a prática e a teoria, quando concretamente uma e outra se implicam. Existe em toda prática um elemento teórico (RAMOS, 1955b, p. 1).

É importante ter sempre em mente que a “disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado da prática – é uma questão puramente

escolástica” (MARX, 2007, p. 533). Tal “polarização entre a prática e a teoria”, portanto, não poderia estar mais distante da tradição marxista. Não obstante, a passagem de Ramos suspende de modo radical a possibilidade do acúmulo do conhecimento. A propósito de reconhecer que o conhecimento científico é constantemente atualizado, Ramos solapou as bases desse mesmo conhecimento. É um atributo da ciência colocado contra ela mesma. Precisamente nesse sentido, o conhecimento não poderia caminhar de forma progressiva. Novamente, está em questão sustar os avanços do desenvolvimento social ainda que contraditório. Ramos se apoia no entendimento de que o movimento da realidade é ele mesmo um obstáculo para o conhecimento. Defende, assim, a proposição metodológica de Gurvitch na qual se

Substitui toda síntese, unificação, elevação e mesmo toda reconciliação, harmonia, equilíbrio, por experiências novas, imprevisíveis, inesperadas que abrem sempre novos abismos e preparam em cada encruzilhada as mais perigosas surpresas em que tudo é posto em questão.

Revela pluridimensionalidade de todo real cognoscível; dialetiza a relação entre o objeto de uma ciência e o real; mostra o caráter condicional de toda ciência cujo domínio depende do quadro de referência escolhido e o torna cada vez mais flexível. (RAMOS, 1955b, p. 1-2).

A luta contra tal suposto dogmatismo e simplificação do marxismo se dá com uma alegada sofisticação metodológica, inspirada em Gurvitch, que criaria uma série de relações equivalentes infinitas. O flerte com as posições irracionalistas não poderia ser mais inconteste, pois o relativismo é um traço comum a elas. O relativismo expressa a posição de que o conhecimento é dependente das perspectivas, ou seja, um obstáculo claro à aquisição do conhecimento objetivo uma vez que sempre estaria limitado à uma perspectiva entre muitas outras, não havendo critérios possíveis para diferenciar as corretas das falsas. É o que se destaca, da passagem anterior, quando Ramos se referiu ao caráter condicional do conhecimento em relação a um “quadro de referência escolhido”.

Seria mesmo possível algum conhecimento objetivo nesses termos defendidos pelo sociólogo baiano? Nos parece que a resposta deve ser negativa. Mas ainda assim nosso autor persegue o método adotado de Gurvitch como sendo a produção do maior número de operadores “dialetizantes” para capturar aspectos da realidade. Em seu próprio léxico, a questão pressupõe um “número ilimitado de processos de dialetização” (RAMOS, 1955c, p. 15). O alegado refinamento metodológico “revelou

por exemplo que muitos termos que pareciam antinômicos eram na verdade complementares” (RAMOS, 1955c, p. 1). Este pluralismo dialético adotado por Ramos sugere uma posição que apreende a indeterminação como virtude de uma abordagem para o conhecimento da realidade concreta. Ainda que o autor mantenha que é a “experiência o critério de adequação do método” (RAMOS, 1955c, p. 1), essa mesma experiência é condicional ao antes indicado “quadro de referência escolhido”, refluindo na admissão da impotência do conhecimento.

São acentos frequentemente encontrados nas tendências agnósticas da filosofia irracionalista com respeito à teoria do conhecimento. Na análise de Lukács (2020, p. 91), vemos que o “agnosticismo se converte” no irracionalismo e que “quase toda forma moderna de irracionalismo se funda mais ou menos sobre a teoria do conhecimento do agnosticismo”. Tendo isso em mente, o agnosticismo deve ser apreendido, conforme já sublinhado, como posição que “pretende que não podemos nada saber da essência verdadeira do mundo e da realidade e que este conhecimento não teria aliás nenhuma utilidade para nós” (LUKÁCS, 1968, p. 33). Como uma forma de reiterar a impossibilidade do conhecimento concreto, “o agnosticismo evita responder a tais questões [essenciais]; mas ele se limita a declará-las sem respostas e recusa a possibilidade dessas respostas” (LUKÁCS, 2020, p. 93). Ressalta-se, portanto, um simples enunciado de recusa diante das tarefas prementes do conhecimento científico.

No sociólogo baiano isso se expressou na adoção do alegado método refinado de Gurvitch. A propósito de combater espantalhos imaginários na figura dos alegados pressupostos fixos apriorísticos, do aludido movimento unidirecional da história, do suposto fechamento do método marxista etc., Ramos abriu as portas ao agnosticismo e o relativismo, seu companheiro de primeira ordem. A abertura para a indeterminação aprofunda, na verdade, o caráter sempre dependente do conhecimento com respeito a “quadros de referência escolhidos”. Nisso se vê as armadilhas das reações românticas às aspirações de objetividade científica quando colocadas de modo unilateralizado. A complexidade das coisas não deve ceder à tentação da indeterminação e o caráter condicionado e perfectível do conhecimento não autoriza impedimentos intransponíveis de objetividade científica. A objetividade do conhecimento, outrossim, é uma resultante possível, uma possibilidade que corresponde a certas condições subjetivas e objetivas favoráveis (CHASIN, 2009). Indeterminação e relativismo, nos termos escolhidos por Ramos, são notoriamente prejudiciais às tarefas do

conhecimento. Trata-se de um dos conhecidos efeitos das filosofias irracionaisistas nessa seara (BUNGE, 2006).

Tais aspectos podem ser aprofundados ao seguir a propositura “epicológica” (ou faseológica) de Ramos por influência das posições culturalistas. O ponto fulcral é a admissão dos condicionantes do conhecimento dados por premissas de uma determinada época. Esses condicionantes são uma questão central para a sociologia do conhecimento de Scheler e Mannheim a qual ecoou tendências irracionaisistas. E tudo indica que é reiteradamente refletida pelo sociólogo brasileiro. Segundo Ramos,

O marxismo não tem verdadeira consciência epicológica e culturalista e, por isto, parece não admitir a historicidade das categorias ou das formas mentais mesmas do sujeito cognoscente. Para os marxistas há sim um progresso ilimitado do conhecimento à maneira de uma aproximação do real crescente em exatidão. Mas não há para eles mudança categorial. A realidade para eles tem um só sentido e o marxismo habilitaria a apropriação desse sentido unívoco e, portanto, habilitaria a resolver o enigma último da vida a captar a essência do ser. É o marxismo uma doutrina ainda no marco da filosofia do progresso e não da epicologia e do culturalismo (RAMOS, 1955d, p. 15).

Seguindo o expediente dos autores irracionaisistas, o sociólogo brasileiro contestou o marxismo, de modo pouco rigoroso, exatamente por este admitir a captura do movimento progressivo, ainda que contraditório e repleto de recuos em diferentes dimensões, da história e do próprio conhecimento humano. A solução supostamente diferenciada daquela do marxismo foi encontrada por Ramos na admissão de que as categorias mudam de acordo com o movimento histórico. Ele ignorou o que já fora dito, que os “mesmos homens que estabeleceram as relações sociais (...) produzem, também, os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as suas relações sociais”, de tal maneira que “estas ideias, estas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios” (MARX, 1985, p. 106). A desconfiguração dos efetivos fundamentos do marxismo serve, no argumento do autor, ao recuo diante do progresso contraditório que marca o desenvolvimento social.

O problema central para Ramos está na obstrução que os condicionantes sociais impõem ao conhecimento. Quando se muda a “época”, mudam-se as premissas e, por conseguinte, as bases do conhecimento. Por isso, não há um movimento ascendente ou qualquer movimento, em verdade. As épocas são incomparáveis e o conhecimento sempre relativo, segundo o autor, revelando um procedimento que, em que pese as

diferenças, aproxima-se das construções de tipologias equivalentes produzidas pela filosofia irracionalista: “a impossibilidade de desvendar os nexos reais da história a partir destes pressupostos, a negação crescente da legalidade da história, e em particular a negação de um progresso demonstrável” (LUKÁCS, 2020, p. 381). Seguindo suas colocações críticas ao materialismo, segue o autor na afirmação segundo a qual:

(...) é impossível à inteligência humana postar-se diante do real nas condições supostas pela teoria arguida [o marxismo]. Ao postar-se diante dos objetos, o homem os vê como um ser implicado em sua época, cujas premissas condicionam irresistivelmente sua visão e constituem espécie de a priori do mundo (RAMOS, 1955d, p. 1).

E assim, essas condições “epicológicas” conduzem ao relativismo que acompanha as fileiras agnósticas, como antes indicado, que obstrui a possibilidade efetiva de apreensão objetiva dos processos reais. Qualquer “visão” é apenas uma visão condicionada por premissas de uma época. Nosso autor estabeleceu a impossibilidade de desenvolvimento do conhecimento objetivo ao alegar que toda Standpunkt, toda posição seria radicalmente “epicológica”, contendo uma imponderável perspectiva a priori. Essa condição absoluta e universal limitaria as capacidades do conhecimento e de seu desenvolvimento, restringindo aos limites epocais:

É nesse sentido que se pode afirmar com Jaspers que não existe para o homem um ponto arquimédico a partir do qual possa ver objetos. Toda visão é histórica, ou melhor, epicológica, nisto que não transcende a teleologia implícita na existência concreta do sujeito cognoscente. Toda pergunta que se faz à natureza – dizia Schelling – contém um juízo a priori. Não se pode acolher assim a ideia de um ilimitado progresso do conhecimento no sentido puramente acumulativo e de refinamento crescente (RAMOS, 1955d, p. 1).

A condição “epicológica” é, portanto, um obstáculo cultural intransponível. Para Ramos o fato de haver condicionantes históricos impede o desenvolvimento do conhecimento em busca da verdade objetiva das coisas, fazendo com que restem apenas visões de mundo relativas à cada época. Cada época teria sua verdade, culturalmente estabelecida e intransponível. “Cada época”, explicou o autor, “tem sua verdade absoluta e não há como conceber, de maneira iluminista, uma soma permanente de verdades relativas, um aproximar crescente da verdade absoluta, entendida como termo culminante de um processo contínuo de esclarecimento”. Para ele, ao arrematar a questão, os “limites extremos da verdade absoluta existem em cada época ou em cada cultura” (RAMOS, 1955d, p. 1). O expediente já aludido

anteriormente é repetido como método de trabalho: a propósito de criticar o dogmatismo e racionalismo alegadamente identificados, a alternativa culturalista apresentada pela posição “epicológica” irmana-se com fundamentos agnóstico-relativistas.

Reiterando tais fundamentos, Ramos encontrou suporte no plano dos valores. Para ele, “Cada época é uma totalidade de sentido (...). É uma totalidade de sentido que condiciona os modos de compreender e o significado do que acontece. É deste condicionamento que o marxismo tem escassa consciência” (RAMOS, 1955d, p. 1). O vício do materialismo seria, para Ramos, não se igualar ao seu próprio idealismo agnosticamente informado; uma espécie de neokantismo sob o qual a filosofia agnóstica se manifestou na história em inúmeras ocasiões. Seguindo em combate ao marxismo como adversário intelectual, revela-se, assim, como nosso autor defende, à maneira dos filósofos do irracionalismo, a “impensabilidade de uma realidade objetiva que independe da consciência” (LUKÁCS, 2020, p. 358). Ao fundo, portanto, é a cultura que informa o que é conhecido. E como a cultura é fundamentalmente valores, subjetividade, o conhecimento objetivo é consequentemente uma espécie de engodo.

Nesse sentido, a referida totalidade de sentido terá consequências muito profundas para a aquisição do conhecimento. A consideração desse aspecto ilumina ainda mais os já notórios traços das tendências agnóstico-relativistas. Segundo Ramos,

Em cada época existe uma axiomática do saber, constituída de determinados postulados implícitos na convivência humana e que condicionam inexoravelmente as possibilidades eidéticas. Estes postulados, ou melhor, estes axiomas são realmente mais implícitos que explícitos e bem assim em larga escala inexprimíveis em termos racionais. É certo que tais axiomas não adquirem vigência sem determinados suportes objetivos. Uma vez vigentes, porém, tornam-se conformadores da visão do mundo tal que os fatos não são apreendidos pelo homem senão enquanto ser historicamente constituído por tais axiomas. Esses axiomas são o a priori da época, a partir dos quais o sujeito organiza os dados da sua percepção (RAMOS, 1955d, p. 2).

Essa colocação do autor revela a busca, comum à filosofia irracionalista, de uma posição intermediária (“terceiro caminho”) entre ser e consciência em que, ao final, reina a preponderância da consciência. É interessante notar como isso enfraquece a posição ao cabo assumida de indeterminação, pois lhe falta coerência. Ao atribuir no fundamento os axiomas, resvala para um apriorismo antes reconhecido como vício do marxismo. Mas resulta em apriorismo de outro tipo, em oposição ao seu adversário

identificado. Sua posição antimaterialista encontra guarida na tradição idealista que, como se sabe, fundamenta no plano das ideias as forças primárias do movimento da realidade. Na passagem, vemos isso na preponderância encarnada pelos axiomas como condicionantes mais fundamentais de cada época, como postulados que condicionam “as possibilidades eidéticas”. Tal fundamentação é inexprimível em termos racionais. O autor estabeleceu, como no agnosticismo, uma limitação evidente acerca do conhecimento da essência das coisas uma vez que qualquer critério pagaria tributo aos axiomas. Isso se apresentou ao escrever, na passagem neokantianamente inspirada, que os próprios homens surgiram no argumento “enquanto ser historicamente constituídos por tais axiomas”; são as ideias, afinal, que forjam os homens. Assim, Ramos nos ensina que os homens são produtos das ideias de uma época sem esclarecer afinal de onde vieram tais ideias. Entre o ser e a consciência, a posição de Ramos se refugia na consciência, revelando aspecto importante de suas tendências.

Em suma, a posição de Ramos sustenta uma impossibilidade, uma condição universal que obstrui as possibilidades do conhecimento objetivo, pois os próprios homens são constituídos por tais axiomas. Como mostrou Lukács (2020), na filosofia irracionalista esse é um processo que remonta de Dilthey a Scheler e Mannheim, que seguiam essa argumentação geral segundo a qual as “visões de mundo” limitadas eram também limitantes para a apreensão desses condicionantes históricos e levavam ao relativismo tal qual a argumentação de Ramos. Toda luta do autor em tela contra o materialismo, ao enxergar erroneamente nele um racionalismo tacanho de talhe positivista, tem como pano de fundo, o que é decisivo, uma fundamentação irracionalista na defesa da limitação do conhecimento. Trata-se de uma variante da reação romântica às tendências afeitas à razão, embora sejam tomadas de modo embaralhado por Ramos, identificando o racionalismo puramente formal que matrizou o positivismo às superficialidades matematizadoras com a postura do marxismo, como de outras correntes, de admissão de que a realidade não apenas pode e pôde ser efetivamente conhecida como, de resto, os homens estão fadados a conhecê-la para transformá-la.

Novamente, é importante esclarecer que a crítica consequente à alegação, comum ao racionalismo formal, de que o conhecimento não sofre qualquer condicionamento social não corresponde necessariamente à recusa quanto à possibilidade do conhecimento objetivo. Entretanto, a reação que Ramos encarna contra aquela



alegação não é adequadamente ponderada, levando o autor a admitir as posições comuns às filosofias irracionaisistas. Isso implicou em suas considerações sobre a teoria do conhecimento, como vimos. Ao cabo, cabe a pergunta: estaria a posição assumida por Ramos adequadamente equipada para conhecer as coisas tais como são? Parafraseando o próprio sociólogo conforme sublinhamos em um de seus primeiros textos, a inteligência que nosso autor promoveu teria de fato “por objetivo o ser”, admitiria que seu “fim é conhecer a essência das coisas” (RAMOS, 1939, p. 13)?

### Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo desvelar as evidências do irracionalismo na primeira aproximação de Ramos com a teoria do conhecimento no período entre 1939 e 1955. Para tanto, realizamos análise imanente nos textos selecionados conforme os critérios estabelecidos. Foi possível identificar que tais evidências compareceram pela adesão ao agnosticismo relativista presente no quadro do existencialismo e da fenomenologia.

Os aspectos destacados em Ramos não são suficientes para alçá-lo ao mesmo patamar das tendências reacionárias presentes na filosofia irracionalista analisada por Lukács, na medida em que o próprio sociólogo brasileiro assimilou apenas alguns traços daquela filosofia, especialmente o agnosticismo relativista evidenciado nos achados deste trabalho. Ainda assim, Ramos foi decisivamente influenciado por tal forma de consciência filosófica. Na verdade, é possível afirmar que Ramos se mostrou como uma espécie de caixa de ressonância das filosofias irracionaisistas no contexto brasileiro de então, pelo menos isso corresponde aos textos aqui considerados como preparatórios do desenvolvimento declaradamente fenomenológico dos anos seguintes de seu itinerário intelectual. Vimos que a propósito de se opor ao marxismo como adversário metodológico, o sociólogo abraçou a posição agnóstico-relativista comum a tais filosofias irracionaisistas, de recuo em relação à possibilidade do conhecimento objetivo, admitindo obstáculos intransponíveis.

E isso está em plena concordância com o fato que os autores reverberados pelo brasileiro (Jaspers, Heidegger e Mannheim, por exemplo) são os mesmos apontados por Lukács como participantes da segunda etapa do irracionalismo, cujo grande adversário era o marxismo. Ramos igualmente elegeu o marxismo como contendor e, por intermédio desse debate crítico pouco informado, revela os principais traços de seu agnosticismo relativista. Assim, ficam iluminadas certas evidências do

irracionalismo na teoria do conhecimento adotada por Ramos que são, ao cabo, obstrutivas ao próprio conhecimento científico.

Os apontamentos aqui realizados dizem respeito ao período de primeira aproximação do autor. Acreditamos que essa aproximação teve consequências posteriores no itinerário intelectual em tela. Uma prova disso é reencontrar posição semelhante em textos consagrados posteriores em que o problema da teoria do conhecimento se articulou a preocupações de ordem sociológica, política e econômica. Quando o autor escreveu, por exemplo, que “sujeito pensante e objeto são faces de um mesmo fenômeno” (RAMOS, 1958/1995, p. 36), ou que a “*Weltanschauung* é totalidade transcendente, à qual devem ser referidos os objetos para serem compreendidos” (RAMOS, 1957/1996, p. 99), reitera o traçado característico das filosofias irracionalistas. Assim, caberia a questão de saber qual estatuto afinal teria tal posição, em geral tomada como crítica ao pensamento dominante na figura do funcional-positivismo e suas variantes, que segue fundamentada, entretanto, em bases irracionalistas.

Como decorrência dos presentes achados, acreditamos ser necessário avançar na análise realizada no sentido de vincular essa formação ideal às condições brasileiras de então. Realizamos a caracterização geral das evidências do irracionalismo em Ramos com respeito à teoria do conhecimento, mas é necessário explicá-la, remetendo-a ao seu solo objetivo. É inquietante a possibilidade de compreender se a tarefa original do irracionalismo – “fornecer uma apologia indireta da ordem social capitalista” (LUKÁCS, 2020, p. 219) – seria simplesmente repetida nas condições da particularidade brasileira ou se os aspectos específicos da objetivação capitalista no país teriam jogado papel modificador daquela tarefa na formação ideal de Ramos. Cabem, portanto, pesquisas adicionais, inclusive no sentido de aprofundar a difusão em geral dessa filosofia irracionalista e suas tendências no país, apreendendo seus momentos mais importantes e influências efetivas.

## Referências

- BUNGE, M. *Chasing reality: strife over realism*. University of Toronto Press, 2006.
- CANDLER, G. G.; VENTRISS, C. Symposium - The Destiny of Theory: Beyond The New Science of Organizations: Introduction to the Symposium: Why Guerreiro?, *Administrative Theory & Praxis*, 28:4, 495-500, 2006. DOI: 10.1080/10841806.2006.11029548
- CHASIN, J. *Marx – Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo,

2009.

CHASIN, J. *O Integralismo de Plínio Salgado*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

FARIA, J. H. de. Consciência crítica com ciência idealista: paradoxos da redução sociológica na fenomenologia de Guerreiro Ramos. *Cadernos EBAPE.Br*, v. 7, p. 420-446, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000300004>

FERRY, L.; RENAUT, A. *Pensamento 68*. São Paulo. Editora Ensaio, n. 20, 1988.

FOSTER, J. B. The New Irrationalism. *Monthly Review*. Vol. 74, nº 9, 2023. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2023/02/01/the-new-irrationalism/>. Acesso em: 8 de Junho de 2023.

GORENDER, J. Correntes sociológicas no Brasil. In: Ramos, A. G. *A redução sociológica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1957/1996.

GURGEL, C. R. M., & JUSTEN, A. O homem parentético: o autor para além do seu conceito. *Revista Brasileira de Administração Política*, 13(1), 74–87, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rebap/article/view/49677>.

GURVITCH, G. *Dialética e sociologia*. São Paulo: Vértice, 1987.

LUKÁCS, G. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. Boitempo, 2010.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. Vol. 1. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. Vol. 2. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, G. *A destruição da razão*. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

LUKÁCS, G. *Marx e Engels como Historiadores da Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, K. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Boitempo Editorial, 2010.

MARX, K. Ad Feuerbach. In: Marx, K. & Engels, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. *O capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

PAÇO CUNHA, E. Henri Fayol na encruzilhada da terceira via: organização da grande corporação e conflito social na forja do ideário fayolista. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 20(2), 233-261, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21529/RECADM.2021008>

PAÇO CUNHA, E. Problemas selecionados em determinação social do pensamento. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 28, n. 1, pp. 123-146, Edição Especial, 2022/2023. DOI: <https://doi.org/10.36638/1981-061X.2023.v28.663>

PAES DE PAULA, A. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(1), 24 a 46, 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/31419>

PAIVA, V. Existencialismo cristão e culturalismo: sua presença na obra de Freire. *Síntese*. Vol. 6, n. 16, 1979.

- PENNA, Lara N. P. Renovação do agnosticismo pela “epistemologia fronteiriça”: convergências entre a filosofia da vida da fase imperialista e a teoria decolonial do conhecimento de W. Mignolo. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 28, n. 1, pp. 369-404, Edição Especial, 2022/2023. DOI: <https://doi.org/10.36638/1981-061X.2023.v28.680>
- PÚBLICA, Revista de Administração. Terceiro painel - Guerreiro Ramos e o desenvolvimento brasileiro. *Revista de Administração Pública*. 17(2), 63 a 92, 1983. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/11128>. Acesso em: 3 de Novembro de 2022.
- QUEIROZ, H. A. de. Administração política e Guerreiro Ramos: epistemologia e método. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 2(2), 263, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2015.v2n2.56>
- RAGO, E. J. *O nacionalismo no pensamento de Guerreiro Ramos*. 1992. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20187>
- RAGO FILHO, A. *A ideologia 1964: os gestores do capital atrofico*. 1998. 391 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/13058>
- RAMOS, A. G. *Introdução à cultura (ensaios)*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
- RAMOS, A. G. Literatura latino-americana (IV). *Cultura Política*. Rio de Janeiro. ano 1, n. 6, ago., pp. 285-288, 1941.
- RAMOS, A. G. *Sociologia de la mortalidad infantil*. Mexico D. F.: Biblioteca de Ensayos Sociologicos, 1955a.
- RAMOS, A. G. Gurvitch e o marxismo. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 18 set. Caderno Revista, p. 1 e 2, 1955b. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_05/38059](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/38059). Acesso em: 25 de Novembro de 2022.
- RAMOS, A. G. O pluralismo dialético. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 25 set. Caderno Revista, p. 1 e 4, 1955c. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_05/38231](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/38231). Acesso em: 25 de Novembro de 2022.
- RAMOS, A. G. Epocologia e marxismo. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 16 out. 1955d. Caderno Revista, p. 2 e 4, 1955d. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_05/38668](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/38668). Acesso em: 25 de Novembro de 2022.
- RAMOS, A. G. *A redução sociológica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1957/1996.
- RAMOS, A. G. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1958/1995.
- VAISMAN, E.; FORTES, R. V. Editorial: Por que não somos lukácsianos. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 27, n. 2, pp. VII-XXIII, mar. 2022.
- WEBER, M. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1973.

WOLIN, R. *The seduction of unreason*. New Jersey: Princeton University Press, 2004.

**Como citar:**

GUEDES, Leandro T.; CUNHA, Elcemir P.; XAVIER, Wescley S. O Irracionalismo e sua Teoria do Conhecimento: Reação Agnóstico-relativista de Guerreiro Ramos ao Marxismo (1939-1955). *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 28, n. 2, pp. 232-258; jul-dez, 2023.